

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 247

3 de maio de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos inscritos neste curso
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

A maior parte do que eu disse neste curso se refere àquele tipo de leitura que o Sertillanges chama de leitura *formativa*. Concentrei o curso nisto porque, evidentemente, esse é o tipo de leitura mais importante, e os outros tipos — eu não reconheço o tipo de leitura que chamam *inspiracional*, porque também esse é um tipo de leitura formativa — se reduziriam a três: [além da *formativa*] há a leitura *informativa* e a leitura *por divertimento* ou *por entretenimento*. Não vejo porque isso deveria ser objeto de um curso especial, já que não implica nenhuma dificuldade: você estará apenas alimentando informações e certos esquemas cognitivos que você já tem. Não creio que isto necessita de uma atenção especial. Mas a questão da leitura formativa é realmente básica e espero realmente que os alunos se concentrem mais nesse tipo de leitura; o material que existe para isso é imenso; nunca vamos terminar de assimilá-lo, e essa formação deve prosseguir pelo resto da sua vida. Portanto, os cuidados que se deve ter com esse tipo de leitura são mais apurados, por assim dizer.

E, como nós vimos, as dificuldades são duas: primeiro, porque as pessoas não entram na leitura com a expectativa correta — em vez de a pessoa se abrir para aquilo que está para além do texto, ela se concentra no próprio texto e então a ambição de conhecimento que move a pessoa é modesta demais. Esse é um primeiro problema. O segundo problema é a pressa de julgar: quando se coloca na posição de juiz, você está se colocando acima do objeto que está julgando. E basta isto para perder toda a oportunidade de crescer e se desenvolver até à altura, ou dimensão, do horizonte de consciência do autor que você está lendo. Então, é melhor uma leitura ingênua, que concorde com tudo e se deixe conduzir, e deixe o julgamento para mais tarde, se for necessário o julgamento.

Na verdade, acho que nós só devemos fazer um exame crítico quando somos impelidos a isso pela própria leitura; quando se encontra dificuldades internas na leitura — contradições, dificuldades ou obscuridades em número excessivo, aí sim. Mas não devemos entrar jamais na leitura com espírito de julgar. Julgar, só quando necessário.

Também você pode se perguntar: por que eu deveria julgar isto? Qual é a importância de eu julgar isto e de ter uma opinião? Por que preciso ter uma opinião? No início do curso nós pedimos aos alunos que fizessem um voto de pobreza em matéria de opinião. Não quer dizer que nunca mais vão ter opinião; apenas vão alimentar sua opinião com conhecimento, com experiência, com

meditação etc., até que um dia, quando abrirem a boca, é porque terão realmente algo a dizer. O impulso de opinar é muito forte no brasileiro. Isso porque emitir opinião faz parte da justificação ou fortalecimento de autoimagem da pessoa. É claro que quando o indivíduo emite sua opinião ele vai se apegar a ela pelo simples fato de que ele já a emitiu. Então, isto começa a fazer parte da identidade dele, e aí entra num processo de autorreforço e não tem mais como sair disso. Mudar de opinião acaba se tornando muito difícil. Ademais, a idéia de você fundamentar sua autoimagem num conjunto de opiniões só pode resultar numa autoimagem muito frágil. Vê-se que quando o indivíduo está bem estruturado, bem centrado, ele pode mudar de opinião mil vezes; isto não o afeta de maneira alguma. Ele não tem apego à opinião. Ele entende que a opinião foi apenas um ponto de vista que ele teve num momento e que não é, necessariamente, o todo do objeto.

À medida que vai estudando, você vai sendo obrigado a olhar as coisas por vários pontos de vista diferentes e, naturalmente, sua opinião vai mudar muitas vezes. E não há problema algum nisso. Em resumo: opinião não pode ser reforço da sua personalidade. Ao contrário: a opinião deve ser a expressão da sua personalidade. Mas quanto mais incerta, quanto mais frágil a pessoa, mais ela necessita desse tipo de suporte. Através da opinião elas se mostram para as outras pessoas; a opinião passa a ser um aspecto dela que é conhecido pelos outros. E ela começa a ser conhecida como o portador dessa opinião; e isso cria não só uma autoimagem, como uma imagem social. Esse é o procedimento mais comum na convivência social brasileira. Mas isto só pode ser uma indústria de personalidades muito fracas, que, cada vez mais, vão precisar da confirmação alheia. Você dá sua opinião para que concordem, e se não concordam você vai se sentir inseguro.

Tudo isso concorre — sem contar o problema da língua portuguesa no Brasil, que torna a leitura extremamente difícil — concorre para criar ainda mais obstáculos à educação e, mais fortemente, à autoeducação, da qual a leitura é o instrumento absolutamente fundamental.

Então, tudo o que eu disse no curso é para ressaltar a ambição espiritual que se deve ter: a idéia de se alcançar algo do mundo do espírito. O mundo do espírito é o mundo da verdade e para tirar proveito disso é preciso que você tenha consciência permanente de que o mundo da verdade não é uma coisa que está na sua mente. A verdade não pode estar na sua mente. Tudo o que está na nossa mente é puramente subjetivo, é um aspecto nosso, e não tem nada que ver com os objetos. Também a verdade não pode estar inteiramente nos objetos, senão nos seria totalmente estranha. E também não pode estar somente numa relação, porque quando estabeleço uma relação entre eu e um objeto, é só uma relação possível: só aquela que se está observando naquele momento. Mas o conjunto da verdade sobre aquele objeto transcende cada experiência que tenhamos dele. Então o mais certo é dizer que a verdade é um domínio, é um campo que transcende sujeito e objeto. E isto é o que necessitamos ter sempre em mente quando estamos lendo. Quando lemos estamos em busca da *verdade* que está no texto e não somente do texto.

Vamos continuar lendo o ensaio do Honório Delgado. Ele prossegue assim:

“O aspecto positivo da civilização, ou seja, a cultura enquanto processo sociológico e histórico, representa a objetivação coletiva e sempre mais ou menos imperfeita em obras, instituições, usos e costumes dessa ordem transcendente...”

Ou seja, o mundo, de algum modo, está sempre ao nosso alcance através dessas obras que ele chama produtos objetivados da atividade criadora humana, que representam ou simbolizam essa

ordem transcendente e que abrem um milhão de caminhos para isso. Porém, essa experiência deve ser feita pelo próprio indivíduo: a cultura não vai lhe dar isso aí; você tem de ir atrás e, necessariamente, há aí um esforço de imaginação sem o qual você não vai chegar a nada. [0:10]

“... objetivação que influi sobre as mentes e as nutre daquilo que só os homens melhor dotados, os criadores, podem descobrir de maneira original.”

Ou seja, você pode se relacionar com este mundo seja como um descobridor original ou alguém que vem atrás, que segue os passos de outro que lhe vai abrindo o caminho. Vocês se lembram daquela imagem que desenhei na tela: uma fonte de luz de um lado e uma rede opaca do outro. Opaca por causa do entrecruzamento de muitas linhas simultâneas. Então, quando alguém descobre, por trás dessa maçaroca de experiências, uma ordem ou um padrão, aí você tem uma filosofia, uma obra de arte, alguma coisa desse tipo, tornando aquilo um pouco mais translúcido, que abre acesso a uma fonte de luz, e você recebe aí uma inspiração.

“A cultura subjetiva se opera, pois, pela suscepção...”

quer dizer pela recepção,

“...da semente preciosa de tal influência, limpa de joio. E os livros, do mesmo modo que os estabelecimentos docentes, são ou deveriam ser órgãos e canais da sua intensificação.”

Nós entendemos que essa é a natureza das coisas — que as escolas e as obras existem para isso. Porém, ao longo do tempo, acrescentam-se aí inúmeros objetivos menores, que podem ser uma tendência ideológica, ou o interesse de um grupo político, ou os preconceitos de um grupo religioso e assim por diante, e tudo isso pode tornar opaco os próprios instrumentos de acesso a essa fonte luminosa. Certamente você vai conhecer pessoas que viveram na opacidade e que não têm a menor idéia de que pode haver algo mais do que isso. A própria repetição dos fatores que estão tornando a situação opaca é importante para essa pessoa porque reforça, de algum modo, a sua autoimagem, a sua trama de relações sociais etc. São objetivos infinitamente inferiores que interferem nisso e praticamente destroem o processo da educação.

Na hora de ler um livro, todos esses fatores estão presentes. Afinal de contas você foi alfabetizado no sistema brasileiro, você convive no meio brasileiro e o que recebe o tempo todo como informação são só elementos que vão tornar a coisa mais opaca. Chega a ser um verdadeiro milagre que algumas inteligências sobrevivam no meio disso e continuam procurando uma coisa mais alta. Sem contar um fator de ordem mais recente, que é a predominância, na cultura mais popular, de elementos altamente deprimentes. Vê-se que, na maior parte dos filmes, hoje em dia, a profissão normal é o sujeito ser assassino profissional, a mulher ser prostituta ou traficante de drogas. Quando se pega os heróis das histórias, todos eles são assim. Isto quer dizer que se está criando um novo padrão de normalidade. Na hora em que as pessoas começaram a sair para a rua com tatuagem e piercing também se criou um novo padrão de normalidade. Antes esses sinais eram característicos de certas gangues, como, por exemplo, yakuza, no Japão, a tattoo e seus membros, e de repente se tornam um padrão de normalidade. Aí há um esforço para levar as coisas para baixo. Esse esforço é onipresente, mas não onipotente, porque em muitas pessoas ele cria uma repulsa automática: elas simplesmente não aceitam isso.

O mesmo processo observa-se na linguagem. Aí isso se observa mais no Brasil do que aqui nos Estados Unidos. Aí nós temos todo o problema da linguagem formal. Tudo que nós dizemos tem alguma articulação e essa articulação pode chegar até à articulação das formas literárias superiores. Mas essa articulação também pode se dissolver em interjeições, em berros, em gemidos, exclamações etc., e essa é uma tendência muito forte hoje em dia. Quando você vê, por exemplo, esse pessoal que ouve rap: aí você só tem interjeições e xingamentos; não há um discurso com começo, meio e fim. E as pessoas vão se acostumando com isso. Se tudo isso fosse apenas um fator externo não seria um grande problema, mas essas coisas se internalizam de algum modo; mesmo que você as odeie, elas estão presentes; elas tomam uma parte da sua atenção.

Não deixa de exigir certo esforço heróico para você se manter imune a todas essas coisas. Porém, a mais mínima concessão que você faça a um meio inculto e grosseiro, vai lhe fazer mal. Por exemplo: se você quer conservar a amizade de certas pessoas que não têm interesse nisso, você está lascado! Se você está se elevando culturalmente, você tem de procurar amigos que estão fazendo a mesma coisa; os outros são apenas relações sociais, superficiais, cuja opinião não deve ter a mais mínima importância para você. Isso inclui, evidentemente, sua própria família: você não vai maltratá-los, não vai brigar com eles, mas não há nenhuma maneira de você ter uma relação profunda com eles; você deve ter uma relação amável, superficial e externa, e não vai ficar triste porque eles não entendem o que você está falando. Na verdade, não têm obrigação nenhuma de entender porque eles não seguiram os passos que você seguiu e talvez nem tenham capacidade para isso. Então, uma mudança de meio social é quase inevitável no curso disso. Você vê que as cidades universitárias foram feitas para isso: para propiciar a convivência entre pessoas que estão interessadas nas mesmas coisas. Só que depois elas começaram a servir a outros objetivos menores, sobretudo ligados aos interesses de determinados grupos específicos: ou feministas, ou gaysistas, racialistas etc. É claro que isso deprime formidavelmente o panorama.

Tudo isso são obstáculos que pesam e que, no ato íntimo de você ler, podem estar presentes de algum modo. E a maneira de exorcizar isso é ter em vista uma fonte luminosa à qual você quer chegar. É mais importante ter essa motivação, do que você seguir esta ou aquela técnica.

Não sei se os alunos que estão assistindo *online* — que são alunos do seminário e que não assistiram ao resto do curso — estão entendendo o que estou falando, mas com o tempo vão acabar entendendo de um modo ou de outro. Ademais, este curso vai ser disponibilizado mais tarde, vai ser vendido para quem quiser comprar as gravações.

O texto de Honório Delgado está disponibilizado para todos os alunos. Esse texto nós utilizamos lendo algumas partes dele; o curso não foi baseado no texto, mas foi pretexto para alguns comentários e para ilustrar algumas coisas que tinha dito nas três primeiras aulas.

Aluno: Você falou, na última aula, sobre o espírito: a mente, o objeto e a verdade, que não está na nossa mente, nem está inteiramente nos objetos. Você usou um termo a “verdade do objeto”. Teria como você explicar um pouco mais? [00:20]

Olavo: Aristóteles dizia que quando você percebe um objeto qualquer, você percebe, evidentemente, a forma física dele, mas dentro dessa forma física há uma forma inteligível: você entende “o que é” o objeto. Acontece que essa forma inteligível faz parte de uma espécie, está

ligada com outra espécie, tem relações com todas as outras espécies, de modo que nenhuma forma inteligível poderia ser percebida separadamente de toda uma rede de conexões. Isto é o que chamo a “verdade do objeto”. Ou seja: é tudo aquilo que é sabível a respeito dele, embora você só sabe um pedacinho no momento. Isto quer dizer que todo e qualquer objeto é uma fonte inesgotável de verdade porque nele estão presentes não só as verdades que compõem a sua forma inteligível, mas um conjunto de relações que ele tem em volta.

Aluno: o conjunto de sentenças que eu pudesse formular sobre esse objeto, ainda estaria muito longe de ser a verdade do objeto?

Olavo: Certamente! Se você passar o resto da sua vida falando daquele objeto, você não vai esgotar a verdade dele. Por exemplo: quando você vê um animal qualquer — você vê uma vaca. Onde estava a vaca? Ela estava dentro do apartamento? Não, provavelmente ela estava num pasto. Então ela tem uma relação com aquele território. De onde surgiu a vaca? Ela apareceu por si mesma ou foi gerada por outra vaca? Ela tem toda uma história. Você não conseguiria fazer a árvore genealógica de uma vaca e, no entanto, essa árvore genealógica existe. Isto é que é importante. O campo da verdade é muito denso e, justamente por ser denso, é inesgotável. Agora, de certo modo qualquer ato de percepção está abrindo você para esse campo da verdade. Você lança uma luz, que é a luz da sua atenção, mas essa luz tem um alcance limitado: ela vai até certo ponto e depois, adiante, está tudo escuro. Mas está tudo escuro para você, mas você sabe que a verdade está lá. Na Bíblia diz “caminhar diante de Deus”: você estar diante da verdade o tempo todo. Você sabe que ela está ali, ainda que seja inacessível para você.

Um dos grandes problemas da filosofia nos três últimos séculos foi que, ao se concentrar na atividade do sujeito e querer explicar todo o processo cognitivo pela estrutura do sujeito, chegou a problemas absolutamente insolúveis. O resultado disso será um tipo de Kantismo, onde todo o nosso conhecimento não passa da projeção das nossas formas cognitivas sobre um mundo que, em si mesmo, permanece caótico. Nós seríamos, por assim dizer, a fonte da verdade. A verdade não é aquilo que as coisas são, mas aquilo que coincide com as formas *a priori* dos nossos conhecimentos. Você vai chegar nisso. E é claro que isso, evidentemente, é uma tragédia. Em primeiro lugar porque coloca o próprio ser humano como fonte da verdade e transforma o mundo em volta, o Universo inteiro, numa espécie de caos. É um caos feito de uma poeira de impressões à qual só à nossa mente dá uma unidade e um sentido. Isso é absolutamente impossível. Vejo, por exemplo, que nós sabemos nos orientar no espaço: temos a noção de “em cima”, “em baixo”, “direita”, “esquerda”, “para frente”, “para trás”; isto poderia ser uma forma da nossa percepção que nós projetamos sobre o espaço?

Se fosse assim eu só poderia conceber isto mentalmente, mas eu não poderia caminhar nesse espaço. Para que eu caminhe nessas direções será preciso que elas me transcendam de algum modo. Eu é que estou dentro delas, não elas que estão dentro de mim. Há muito tempo comecei a imaginar essas formas *a priori* como sendo formas do próprio Universo e que, de algum modo, se imprimem no ser humano. E se imprimem imperfeitamente: você continua precisando do mundo externo como se fosse um lembrete, um elemento mnemônico: o que você esquece o mundo lhe lembra. Já não lhe ocorreu de você acordar e não saber onde você está? Daí o que você faz? Olha em torno e reconhece o mesmo lugar. Se não fosse isso, se a ordem do mundo dependesse da projeção das nossas formas, nós seríamos apenas sujeitos cognoscentes; não poderíamos agir e estar no mundo.

Isto quer dizer que em torno de nós há uma infinidade de objetos e suas relações, e para cima e para além desses objetos há a verdade deles. A verdade que os transcende infinitamente. Voltando ao exemplo do animal, quando você o vê é só ele que está presente, mas o animal não saiu do nada: ele tem uma árvore genealógica que remonta ao começo dos tempos — isso é real; isso está nele — mas ao mesmo tempo o transcende infinitamente. E você sabe que sem isso ele não existiria. Do mesmo modo, por exemplo, quando um casal tem relações sexuais, todos os ancestrais deles estão ali presentes; a árvore genealógica inteira está ali presente, senão não seria possível o ato da geração. E se você não percebe isto, então você está vivenciando essa situação de maneira abstratista: você está vendo só um pedacinho; você recortou um pedacinho e só presta atenção nele. Este é o pecado do abstratismo: achar que só existe aquilo no qual você está prestando atenção, em vez de ampliar seu círculo de consciência para você vivenciar suas experiências de maneira cada vez mais cheia. Cheia de todos os elementos que a compõe realmente.

Aluno: Nesse ponto do abstracional na vida do dia a dia, é normal essa experiência pré-abstracional?

Olavo: Sim, a abstração é um elemento absolutamente necessário para a vida prática, mas não para a formação do seu espírito. Não é porque a situação prática me impõe tal limitação que vou decretar essa limitação como sendo a fronteira última do universo. O ato da abstração só é realizado de uma maneira perfeita e exata quando você sabe de onde você abstraiu as coisas. E sempre que esse ato de abstração se fecha em si mesmo ele se torna imperfeito, ele se torna errado: você não sabe que pedaço do que você está separando. Na verdade, se você pensar bem, a nossa própria existência de todos os dias é um pouco abstrata, porque nós mesmos somos abstrações, até certo ponto; aquilo que sabemos de nós mesmos é puramente abstrato; eu não tenho conhecimento da minha realidade concreta; de vez em quando tenho algum vislumbre dela. Mas o mundo concreto está sempre aí. Tanto o mundo dos objetos quanto o mundo da verdade: ele está sempre aí e ele não vai fugir. Nada o impede de voltar a ele de novo, e de novo, e de novo, e você vai enriquecendo a sua vida interior e ampliando seu horizonte de consciência, especialmente quando você vai examinar um assunto em especial: você se concentra naqueles aspectos que chamaram sua atenção, mas tem que saber que existe algo por trás daquilo; algo que tornou aquilo possível. Esta é a pergunta: para que essas coisas existam o que mais precisaria existir? Para que estes seres estejam presentes, o que tem de estar por baixo deles e ausente.

No começo do curso dei vários exercícios para as pessoas se acostumarem com essa idéia; por exemplo: você sentir que está em cima de um chão e que esse chão se prolonga até o outro lado do planeta e que há pessoas andando do outro lado. Isso é verdade, mas não pensamos nisso no dia a dia. Isto quer dizer que nossa mente funciona sempre na base da abstração. Não temos outro meio de funcionar. Mas ao mesmo tempo nós temos consciência [0:30] da verdade que transcende o nosso campo da nossa abstração. E essa abstração torna-se mais rica e mais exata na medida em que você tem consciência desse fundo sem o qual as coisas não poderiam existir. A pergunta é sempre esta: para que esta coisa exista, o que mais precisaria existir?

Isto tem um análogo naquilo que eu disse da leitura: você está lendo uma afirmação do sujeito e você pergunta: para ele saber isto, o que mais ele precisaria saber? Ele escreveu uma parte do que ele sabe, mas para saber isto tem outra coisa que ele precisaria saber e que não escreveu. E isto é a verdade do horizonte de consciência dele. E é justamente aí que você vai adquirir o sentido do que são os autores verdadeiramente grandes: são aqueles cujo horizonte de

consciência se prolonga até uma região que você nem enxerga mais. Ao passo que noutros casos o horizonte de consciência é tão limitado que o próprio sujeito não se enxerga a si mesmo. Leram meu livro sobre Maquiavel? Ali você vê que o horizonte de consciência do sujeito é tremendamente estreito; ele não enxerga o que ele mesmo está fazendo; ele tem uma compreensão precária do material com que está lidando.

Aluno: Quando você fala sobre a verdade do objeto e a atenção é voltada sobre si mesmo, no caso do Maquiavel não houve isso; mas quando você volta a atenção sobre si mesmo é natural que vai ficar muita coisa de fora, vai escapar eternamente.

Olavo: Uma coisa é o que está dentro do seu campo de consciência — horizonte de consciência transcende campo de consciência: campo de consciência é o que estou pensando agora, o que eu sei agora; horizonte de consciência é tudo aquilo que tenho capacidade de perceber, embora não esteja percebendo neste momento; é aquele fundo de coisas que sei, mas nas quais não preciso, necessariamente, estar pensando agora. Mas, para além do seu horizonte de consciência existe o mundo. Todo processo abstrativo é absolutamente necessário, mas ele se torna errado quando você toma a abstração como uma realidade, quando ela não é uma realidade: ela é apenas uma visão da realidade. Por isso é que, por baixo da atividade da mente, existe aquilo que chamo conhecimento por presença, que é o seu sentimento, sua percepção de existir num mundo. Um mundo que é real, que não depende de você, que vai continuar aí depois de você ter saído dele. E, pior, é que não abrange só este mundo físico; abrange outras dimensões espirituais, às quais não temos acesso no momento. Tudo isso é o mundo. Claro que essa imensidão pode até nos atemorizar: é o que disse Pascal: a solidão desses espaços infinitos me apavora. Sim, mas o fato é que você está dentro do espaço infinito; não adianta fingir que não está, que está só dentro da sua casa.

Então, esse deixar-se levar pela percepção do mundo concreto — por mais deficiente que ela seja, e por mais que essa abertura lhe perturbe — essa é a exigência sem a qual nunca estaremos na realidade; estaremos sempre num mundo de estórias da carochinha.

Veja, por exemplo: durante muito tempo estudei Karl Marx. E um dia percebi que, para Karl Marx, a natureza física só existia como matéria prima da indústria e da técnica; ela não tinha uma existência própria; ele não concebia a natureza externa: a natureza está aí só para ser transformada. Ora, de tudo que o ser humano transformou, desde que ele existe, em quanto do universo físico ele mexeu? Num pedacinho de um planetinha. Portanto essa concepção inverte a hierarquia da realidade: a natureza não está aí para ser transformada; só um pedacinho dela é transformada. Nós estamos dentro dela e nós sofremos as determinações dela — determinações das quais a ciência conhece apenas um pedacinho; existem outras de dimensões que mal começam a ser exploradas, como, por exemplo, esse famoso fenômeno da ressonância mórfica, do Rupert Sheldrake, que é um campo novo e inexplorado, e que mostra a simultaneidade de certos fenômenos que acontecem a milhares de quilômetros de distância. Por exemplo: aqui você tem um grupo de ratinhos que está aprendendo a sair do labirinto e, na hora que ele descobre a saída do labirinto, outro grupo de ratinhos, do outro lado do mundo, descobre a mesma coisa. Isto significa que existe entre eles um tipo de ligação que não conhecemos. A toda hora a ciência descobre mais desses fenômenos. Descobre mais problemas do que soluções. Mais perguntas do que respostas. Isto é normal. O fato de você estar em um universo em aberto, que te transcende infinitamente: se você não tem esse sentido, você está fora da realidade porque esta é a condição na qual você está. Não só o universo espacial, mas o universo temporal também.

Pense bem: até onde você conhece a história da sua família? (Os ingleses costumavam dizer que no Brasil ninguém sabe quem foi seu avô). Quer dizer: as árvores genealógicas terminam duas gerações atrás. E, no entanto, todas as tendências hereditárias estão em você. Você as carrega, só que você não sabe quem elas são. Você estuda a psicologia do Szondi e vê o peso enorme que os antepassados têm na formação da sua conduta, das suas emoções etc. Ele compara com um bando de personagens que estão dentro de você exigindo que você repita o destino deles, mas você não os conhece. Isto quer dizer que a situação do ser humano no mundo é a de um bicho que está andando no escuro, onde ele só encheria um metro à frente. É sempre assim! E, um fenômeno espantoso, é o conjunto de rituais quase obsessivos que os seres humanos criam para atenuar essa impressão; para ter a impressão que estão num mundo fechado onde eles conhecem tudo. Ou seja, é uma técnica de fugir da realidade. Esta fuga, até certo ponto, é necessária porque sem ela o mecanismo de abstração não pode funcionar. Mas se você perde a consciência de que é uma fuga, de que é, de certo modo, um fingimento, então você disse adeus à realidade, mesmo.

Aluno: De alguma forma, quando uma pessoa pensa e se comunica com outra, ela faz um recorte abstrativo para pensar uma idéia qualquer e a pessoa capta aquele negócio. Mas, ela entende, não porque ela entendeu o sistema abstrativo, mas entendeu porque ela participa da mesma realidade. É isso que é condição da possibilidade da comunicação humana?

Olavo: Sim, existe apenas uma analogia entre o que o sujeito falou e o que você experimenta. Mas essa analogia, ainda que ele tenha expressado a coisa imperfeitamente, você sabe do que ele está falando, porque vocês dois estão no mesmo mundo. Essa é uma das minhas teses fundamentais: o mundo é o mediador da linguagem. Se não existisse o mundo em torno de nós, a linguagem não poderia funcionar de maneira alguma. Veja: é possível duas pessoas se comunicarem sem uma saber a língua da outra; você aponta um objeto, por exemplo. Mas para isso o objeto tem de estar presente. Você está no estrangeiro, não fala a língua, mas você vai ao supermercado e mostra uma salsicha. Isto só é possível porque a salsicha está ali. Agora, não seria possível a comunicação entre dois falantes que não tivessem presença física. [0:40] Isto mostra que, longe de a linguagem cobrir o mundo, ao contrário, ela consiste apenas numa série de fios soltos num espaço infinito em volta. E você entende o que as pessoas estão falando, não porque a língua seja um sistema, não porque vocês falam a mesma língua, mas porque estão no mesmo mundo. O mundo não se refere apenas aos objetos dos quais você está falando, mas às intensões e gestos das pessoas. Quando uma pessoa fala alguma coisa, você entende não somente o *de que* ela está falando, mas também a *intensão* com que ela está falando. E essa intenção o que é? Uma ação possível. Uma ação potencial. E é curiosa a capacidade que o ser humano tem de avaliar essas coisas. É um negócio absolutamente extraordinário. Por exemplo: você percebe que um fulano odeia um terceiro. Ele não disse nada; foi só pelo jeito de ele falar que você percebe que ele odeia o fulano. E você percebe imediatamente que esse ódio não é suficiente para levá-lo a matar o fulano. Se você não percebeu isso, você não entendeu o que ele disse. A compreensão da linguagem vai além daquilo que foi dito, porque é complementado por um olhar, por uma entonação. Nossa capacidade de perceber essas coisas é simplesmente extraordinária. E tem sido explorada, ultimamente pela programação neurolinguística, que também só arranhou um pedacinho da coisa.

Essa percepção também está presente na leitura. Eu noto, por exemplo, que nos últimos anos — vejo isso sobretudo por mensagens na internet, por blogs etc. — as pessoas, no Brasil, estão com dificuldade para perceber o tom com que a coisa foi falada. Isso é grave. Em grande parte o

responsável por isso chama-se “maconha”: a maconha ativa os centros linguísticos e deprime a percepção; deprime a memória. Então a máquina de falar está desligada da máquina de perceber. Portanto, a máquina de ler também está separada. Outro dia fiz uma piada e o sujeito disse que foi um desabafo. Como desabafo? Estou falando de gozação. Isto quer dizer que não percebem o tom. Ele acreditou na piada, literalmente. Tanto que hoje, quando as pessoas fazem uma piada, elas têm que avisar que é uma piada, senão ninguém percebe.

Isto quer dizer que existe uma imensa capacidade de adivinhação no ser humano. Não é bem uma adivinhação, mas a percepção de uma coisa meramente potencial. Que é o que chamo de “círculo de latência”: quando você percebe um objeto, não percebe só a presença física dele, e não percebe só a forma inteligível dele; você percebe o que ele pode fazer e o que você pode fazer com ele. Isso tudo está presente. Dou o exemplo: você está andando na rua e há ali um cachorro deitado. Você percebe só que é um cachorro? Ou você percebe que ele pode abanar o rabo, pode rosnar para você, pode sair correndo atrás de você, pode lhe morder, pode sair correndo, pode fazer uma série de coisas. Se você não sabe que ele pode fazer tudo isso, você não sabe que é um cachorro. Pode ser apenas um cachorro empalhado. A percepção dessa força que está presente nos objetos — força de agir ou de padecer certa ação — essa percepção é imediata. Você está vendo um monte de livros: você sabe que pode lê-los, mas não pode comê-los. Ou não sabe? Quer dizer: a forma deles não admite essa ação. Você sabe que eles podem cair da estante, mas não podem sair voando. Em tudo que nós percebemos existe esse círculo de latência. E se some o círculo de latência, você não está percebendo nada; apenas formas estáticas que não quer dizer coisa nenhuma. E, no entanto, com que órgão dos sentidos você percebeu o círculo de latência? Com nenhum! Quer dizer: isto não é propriamente uma percepção sensível e não é somente uma atividade da sua mente, não é um pensamento que você faz, porque você sabe isso imediatamente. Não precisa pensar. Então, é uma percepção, mas ao mesmo tempo ela não pode ser atribuída a nenhum dos órgãos dos sentidos.

Aluno: Mas algumas latências são comunicadas pela própria forma física dele.

Olavo: Sim, é claro; em geral elas são. Normalmente é isso: você vê uma árvore e sabe que ela não vai sair voando. Você sabe que ela tem uma raiz; que ela não nasce na superfície e que ela está fincada, de algum modo, no solo; ainda que você nunca tenha visto uma raiz, ela está fincada, então tem alguma coisa para baixo. Em tudo que a gente percebe, a forma sugere as ações que aquele objeto pode desempenhar e as ações que ele pode sofrer. Essa percepção não é total e nem sempre é exata, mas ela está sempre ali. E ela nunca está ausente. Ela só estará ausente se você estiver num estado mais ou menos hipnótico, onde você percebe somente a forma externa, o recorte, por assim dizer; o formato. Mas aí é como se fosse uma presença fantasmal.

Agora, imaginem numa leitura, onde você tem uma presença humana que escreveu tal e qual coisa, como é importante o círculo de latência.

Aluno: Como dosar a ansiedade na leitura e como posso calibrar a tensão para que outras leituras, conhecimentos e saberes não interfiram na leitura em curso?

Olavo: Bom, essa coisa não tem solução; isso aí depende do seu improviso. Mas, é claro, existe a ansiedade de ler mais: pela própria mecânica e ótica, você quer prosseguir em outras palavras, e outras, e outras, e daí a atividade ótica passa na frente da sua atividade imaginária. Isso é um problema. Não sei como resolver isto, senão voltando de novo, e de novo, e de novo. Vale a pena

até você ler mais devagar para que isso não aconteça. Agora, que outras leituras vão interferir na sua leitura, isto é inevitável. Supondo que você está lendo palavras que você já conhece de algum modo. Então essas palavras já trazem uma carga semântica anterior. Essa carga semântica anterior não vai lhe atrapalhar. Você vai supor que a carga semântica que está no texto é mais ou menos a mesma que você já conhece. Pode haver alguma nuance diferente, mas se você não tivesse o conhecimento da carga semântica anterior, como é que você iria perceber essa diferença. Então, as outras leituras anteriores não têm, necessariamente, que atrapalhar, ao contrário, elas ajudam. É o que diz o Borges, para você entender um único livro você tem que ter lido muitos livros. Também existe a associação de idéias: o sujeito usa determinadas palavras que você leu num outro contexto, e você dá a essas palavras o mesmo peso que você já conhece e você faz isso errado. Uma coisa pode não ter nada a ver com a outra; foi uma associação fortuita que se deu na sua mente e que não está na intenção do autor; não está no texto. Isto você vai ter que corrigir um por um, pelo resto da sua vida. Sem contar que no meio brasileiro, certas palavras já estão imantadas de valores emocionais independentes do seu significado e dos seus referentes. Eu chamo isto de comunicação animal: o sujeito fala certos sons que imediatamente vão despertar certas emoções, sem referência à realidade externa. Aí o desligamento entre a palavra, como gatilho de emoções, pode funcionar independentemente de qualquer referência externa. Isto funciona realmente. É um método hipnótico, na verdade. Quando o hipnotizador encosta o [0:50] dedo na sua mão, e diz que é um cigarro, e sua pele aparece queimada, não havia cigarro nenhum, não havia o objeto capaz de produzir aquela ação. Isto tudo se deu dentro da sua mente. Foi comunicação direta entre a palavra do hipnotizador e seu cérebro.

Acredito que a maior parte do que se fala e se escreve no Brasil de hoje é assim. É uma comunicação puramente hipnótica; as pessoas não se lembram de olhar para o objeto e dizer: do que você está falando?

Aluno: no seu livro “A Arte de Ler”, Adler diz que se você leu alguma coisa, mas não é capaz de explicar com suas palavras, isto quer dizer que você não entendeu. Gostaria que o senhor explicasse isso porque tem uma porção de coisas que eu leio e entendo, mas não sou capaz de explicar corretamente, com qualidade.

Olavo: Isto aí é um exagero do Adler; idealmente você deve chegar ao ponto de poder explicar, mas isto é impossível num primeiro momento. Você terá de ter um entendimento mudo, primeiro. É claro que aquilo que o autor está falando transcende sua capacidade de explicar, se não você teria escrito aquilo, e não ele. Também não acredito seja muito importante você chegar a esse ponto de poder explicar. Há impressões que tive na leitura, há vinte ou trinta anos, que não sei explicar até hoje, mas elas estão presentes, de algum modo. Ele está dizendo isto quando se refere a conceitos abstratos. Aí, de fato, o ideal é que você os domine e consiga explicá-los. Mas, por exemplo, quando você lê a *Divina Comédia*, como é que você vai explicar aquilo? Você pega o primeiro verso: “no meio do caminho desta vida”, o que quer dizer esse “no meio do caminho”? Pode querer dizer tantas coisas, que nunca vai esgotar. Teria que ser outro Dante. Então, evidentemente, ele está falando de conceitos abstratos, não de símbolos poéticos.

Aluno: Como você comentou, a respeito do Adler, a perspectiva dele é diferente da que você procura obter diante dos seus alunos? Quando ele fala que o leitor não consegue explicar, talvez ele fala de algo dentro da dimensão do que ele ensina, equivalente a tomar posse daquele conhecimento e não, necessariamente, explicá-lo; mas que o leitor introjete aquilo de modo que aquilo passe a fazer parte dele.

Olavo: Sim, mas quando se trata de símbolos poéticos, esse “*tomar posse*” não quer dizer que o sujeito seja capaz de explicar aquilo. Mas, sobretudo você nota que o indivíduo entendeu uma mensagem poética quando ele observa análogos dela na vida real. Mas esses análogos são ilimitados. Não é normal, quando você está explicando uma coisa, de repente você ilustrar aquilo? Você lembra um verso; então você está dando mais um exemplo; é mais um análogo que apareceu: você está reconhecendo, na realidade, análogos daquilo que ele diz. Isto mostra que você entendeu, ainda que você não consiga explicar aquilo. Na verdade, a explicação de um poema seria apenas um conjunto de análogos que você fez. E pode haver outra explicação, e outra, e outra; isso não acaba mais. Assim como, se você estiver falando texto sacro, da Bíblia, aí é que a coisa não acaba mais mesmo. Agora, o Adler está dizendo isso — tem que explicar, porque os alunos que não estavam durante a semana pularam essa parte — o método do Adler é feito para criar um cidadão consciente da democracia americana, capaz de discutir os assuntos públicos: isto supõe que exista uma democracia funcionando, que existam valores e leis conhecidas por todo mundo e que a ordem política esteja funcionando. Essa situação não se cumpre no Brasil, evidentemente. Então o objetivo do nosso curso não pode ser isso. Nosso objetivo é fazer que pessoas consigam sobreviver num meio culturalmente deprimente e que possam, por si mesmas, exemplificar uma ordem ideal nas suas obras e nas suas pessoas, e possam, mais tarde, inspirar outras pessoas. Esse é o nosso objetivo. É muito mais ambicioso, pensando bem, do que o do Adler. O Adler está preparando as pessoas para uma circunstância social que já está pronta e que, de certo modo, os favorece, e nós estamos preparando pessoas para um ambiente onde tudo as desfavorece. Não há uma estrada pronta: você tem abrir a picada no facão.

Aluno: Professor, o senhor poderia falar um pouco a respeito do processo pelo qual os grandes escritores alcançam as chamadas impressões autênticas?

Olavo: Em primeiro lugar, eles não alcançam impressões autênticas. Eles têm impressões autênticas. Essas impressões são anteriores à criação de qualquer obra: na hora que começa a escrever, ele já tem experiência da vida e, para se tornar um escritor que vale a pena ler, é necessário que ele tenha buscado o ter essas impressões autênticas e ver as coisas como realmente são. Ou, se for um autor do tipo idealista, como elas deveriam ser. Ele não pode estar com a mente só recheada de esteriótipos.

Há um escritor inglês, Martin Ames, que diz que a literatura é a luta contra o clichê. O que é um clichê? É um *topos*, um lugar comum que se repete e que tem, por si mesmo, uma força hipnótica sobre você. De maneira que ao invés de você ver as coisas das quais se está falando, você tem aquela expressão emotiva a partir da própria palavra. Você pode ter discursos inteiros que são assim. Onde nada corresponde a objeto nenhum. E não obstante suscita as emoções requeridas. Por exemplo, acabo de ler documentos da CNBB falando dos pobres gays que são assassinados; e então se tem a impressão que existe uma onda de assassinatos de gays, que na verdade não existe. Mas isto provoca uma emoção. Sobretudo se o cara é um militante gaysista; ele já se sente uma vítima de assassinato. Então não se está falando de uma situação real que está sendo expressa por palavras: você está falando apenas de uma impressão criada por palavras. Quer dizer: não passa pelo referente, você só tem signo e significado. O referente, ao invés de ter algo a ver com o objeto, é criado apenas pela emoção do ouvinte. Se você pensar bem, as discussões públicas brasileira são quase todas assim. E as pessoas estão viciadas nisso. É claro, isto é um

sintoma histórico: o histórico não acredita no que ele vê, nem no que ele sente: ele sente aquilo que ele disse, ou aquilo que ele ouviu.

Então, aí você está nos antípodas do que é a literatura. A literatura é obra de pessoas que vêm com seus próprios olhos, ouvem com seus próprios ouvidos e, de algum modo, conseguem transpor isto numa linguagem, o que é uma operação sempre difícil, porque a língua é a mesma para todo mundo e as impressões são pessoais e diferentes de um por um. Então você vai ter de adaptar a língua às capacidades expressivas daquilo que você percebeu. No fim das contas, é um problema moral de você se apegar ao que você realmente percebeu, ainda que seja difícil de expressar. E na verdade a impressão autêntica é sempre difícil de expressar porque tudo o que nós recebemos como linguagem são lugares comuns. Nós estamos submetidos a um bombardeio de lugares comuns o tempo todo. Então não estamos habilitados a dizer aquilo que percebemos; estamos apenas habilitados a repetir aquilo que outros já disseram. [1:00] Vejam: a simples aquisição da habilidade de falar como os outros já um problema; imagine o sujeito que entra na USP e vê aqueles professores. Até ele adquirir aqueles trejeitos, aqueles cacoetes, aquela coisa toda; é um problema difícil.

É a aquisição de uma habilidade, mas essa habilidade sufoca a sua inteligência e sua capacidade de expressar impressões autênticas. É claro que só pode existir uma literatura digna do nome onde haja um espaço para a individualidade; se não, a literatura se torna uma repetição. Durante grande parte da Idade Média não houve nenhuma literatura que valesse a pena, porque só houve uma atividade criadora ou nas artes plásticas, ou na Filosofia. Mas a literatura era apenas um negócio didático para as massas, que repetiam sempre as mesmas mensagens. Então, não se tem por que ler essas coisas hoje.

Tão logo a civilização urbana permita certo desenvolvimento da individualidade, começa a aparecer uma literatura mais interessante. Também se você observar, por exemplo, a história da literatura na União Soviética: é claro que existiu uma imensa literatura soviética, moldada segundo os cânones do partido, só que ela não tem interesse para nós porque é tudo igual. Então, somente os dissidentes, aqueles que estavam na cadeia, é que possuíam uma individualidade suficientemente desenvolvida para fazer uma literatura mais interessante.

Aluno: Era uma doutrinação...

Olavo: Não era bem uma doutrinação, era uma macaqueação de formas. O intuito poderia ser doutrinário.

Aluno: Mas, durante a Idade Média, o teatro medieval e a literatura soviética ainda estavam a serviço de uma hegemonia cultural; já hoje, o que está acontecendo no Brasil não é isso, é só aquele fenômeno do Concelheiro Acácio, a repetição de um...

Olavo: Sim, a macaqueação no Brasil transcende infinitamente a hegemonia cultural; começa por uma luta pela hegemonia cultural, mas hoje já não é mais isso, não. Hoje é uma incapacidade consolidada. É uma crise da linguagem; é uma crise da inteligência. Então, de certo modo, essas pessoas não podem mais ser doutrinadas, e nem precisam.

A palavra “doutrinação” está completamente inadequada para descrever a situação de hoje. Hoje se tem um repasse de cacoetes; de condutas históricas, na verdade.

Aluno: O Professor Nadalin (Carlos Nadalin) tem uma tese de que há uma série de técnicas e que hoje, no Brasil a dominação ideológica não só se faz pelo material didático – como é a preocupação dos pesquisadores: com os livros e com os materiais didáticos –, mas por meio da macaqueação que o aluno faz do professor. O professor vem treinado das universidades...

Olavo: Claro, o essencial ali não é o material didático, não é o livro, é a presença do professor. Acho que o processo hoje não é de doutrinação, é imbecilização mesmo. Não é o modo de dizer, não é uma coisa depreciativa, é um professor lesado mentalmente que é copiado por crianças que vão ficar lesadas também.

Aluno: você disse, certa vez, que para haver doutrinação tem que haver um pouco de inteligência para assimilar aquela doutrinação.

Olavo: Evidente. Para haver uma doutrina precisa haver uma doutrina contrária. Precisa haver alguma discussão; alguma dialética. Mas isso não existe. A pessoa é incapaz de pensar qualquer coisa fora daquele universo dela. Ela não tem nem com quem discutir. E você observa isso, não só em crianças, observa em professores universitários.

Aluno: Que bicho estranho é esse chamado consciência humana? De alguma forma, como você sabe, na esfera das preocupações afetivas, para firmar uma imagem, é uma espécie de busca da identidade – às vezes a pessoa se agarra a uma idéia que ela emite, ou ao próprio papel social, é uma forma deturpada – não sei se esta é a palavra correta– de buscar individualidade. Mas pelo que o senhor está explicando, sobre a forma como a gente se deve colocar, a passividade com que a gente deve tratar a realidade é uma espécie de caminho contrário, ou seja: é a aceitação da realidade que lhe transcende; ela vai se integrando em você... Curioso isso!

Olavo: Sem dúvida! A individualidade humana não é uma forma, uma figura; ela é uma força. Essa força não tem uma figura física: é a sua própria criatividade. Isto é você. Então, você não precisa se apegar a determinadas formas, a determinados cacoetes, a determinadas maneiras de dizer; você pode mudá-las. E é só quando você entendeu isso é que você entende porque o ser humano pode ser da mesma espécie, desde um Platão, ou Shakespeare, até um desses professores imbecis: até nosso Ministro da Educação¹. É a mesma espécie: é incrível a diferença de capacidade do ser humano; é uma coisa monstruosa! Não há nenhuma espécie animal que seja assim: você não vai encontrar um tigre que seja tão imensamente mais capaz do que outro tigre. Ou um gato que seja mais capaz do que outro gato. A escala de qualidade ali é limitada. Mas no ser humano é praticamente ilimitada: vai desde uma coisa quase angélica até à imbecilidade total. Tudo isso é o ser humano; e nós podemos ser tudo isso. A nossa capacidade plástica, de nos remoldar, de nos refazer e de continuar crescendo é um negócio absolutamente ilimitado! O problema da autoimagem é uma espécie de camisa de força; no começo você precisa dela para poder se orientar socialmente, mas depois você precisa poder trocar de autoimagem quantas vezes você queira, se não, você está preso naquilo. Agora, a primeira vez que sua autoimagem fica destruída você fica aterrorizado e essas opiniões são elementos fundamentais da autoimagem: você é conhecido como aquele sujeito que tem aquela opinião. Mesmo que você não seja assim, as pessoas vestem essa camisa de força em você; elas querem te identificar a certa opinião que você

¹ Na época, José Henrique Paim.

emitiu num certo dia e que era apenas uma etapa do seu aprendizado, da sua descoberta etc. No fundo, isso é uma espécie de materialismo, um apego a uma impressão imediata.

Se você pensar na escala de imortalidade da alma: será que sua alma imortal tem as mesmas opiniões que você tem agora? Não, suas opiniões terão todas ido embora. Imagine que você tivesse acesso a um universo infinitamente mais rico do que este e você fosse muito mais inteligente do que você é: você conservaria as mesmas opiniões, os mesmos cacoetes? Não, você iria esquecer tudo isso e iria continuar sendo você mesmo, porque você não era nada disso. Você era uma força de criar-se a si mesmo. Isto é que é a consciência humana. A consciência humana se cria a si mesma à medida que ela se amolda às formas da verdade. Isto é tudo que nós somos. Você pode se comparar a um pequeno foco de luz. **[1:10]** Daí você não tem uma forma, um formato, por assim dizer. Você tem uma forma, é claro, no sentido inteligível da coisa.

Aluno: Mais estranho ainda, é a liberdade humana.

Olavo: Pois você vê a liberdade por causa disto. Porque você é capaz de se refazer; senão não teria liberdade alguma; teria que se repetir infundavelmente. Se você não tem nem a liberdade de mudar de opinião, como vai falar em liberdade humana?

Aluno: São situações tão conjunturais, tantas circunstâncias e tantas coisas fortuitas que, de alguma forma vai se impregnar no seu ser eterno; não seria isso?

Olavo: Nada vai se impregnar no seu ser eterno. Absolutamente nada. Tudo o que lhe aconteceu não tem importância nenhuma. Não é isto que é o perdão dos pecados? Se tudo se impregnasse em você, o perdão dos pecados seria impossível. Você pode ser refeito; pode mudar de forma infinitamente, sem deixar de ser você mesmo. Olhe uma série de fotografias suas desde quando você era pequenininho e veja quantas vezes já mudou de forma. Nem por isso você deixou de ser você mesmo. Não há uma célula do seu corpo que ainda seja a mesma. Também as suas idéias: você já mudou de idéia mil vezes sem o perceber. Então, isso não tem importância. Só tem importância aquele núcleo da sua consciência: isso é que é você. E o que é a capacidade desse núcleo? É a capacidade de se refazer, de se criar à medida que contacta o mundo da verdade. O mundo da verdade fecunda a consciência. Eu digo que a consciência se faz: ela não é feita pelo mundo da verdade; ela se faz porque a iniciativa é dela. Na escala religiosa é isso que se chama a santificação e a divinização. Mas o que estou falando é uma coisa bem anterior a isso.

Aluno: De alguma forma, pelo que o senhor falou, é uma forma de Deus se reproduzir na gente.

Olavo: Sim; o fato de você ter uma consciência; o fato de você ter um eu, não pode ser explicado por nenhum fator natural. O eu é o maior dos milagres, se você pensar bem; porque o próprio Deus se define como “Eu sou o Eu sou”. Então, essa capacidade de ser eu, é uma coisa divina. E de algum modo isso está presente em nós. Não sei como. Não me perguntem, porque eu também não sei. É a própria inteligência divina, é o próprio *logos* que se refrata em milhões de reflexos e esses reflexos somos nós.

Desde essas alturas do espírito até a miséria do sujeito que está totalmente preso à repetição de coisas insignificantes, tudo isso é a humanidade. A humanidade tem todas essas possibilidades e cada um de nós tem todas elas. E note bem: não é porque temos acesso a essas alturas que nós nos libertamos do outro lado; de jeito nenhum! A vida inteira estamos presos a isso aí. Essa é a

situação humana. E era isso que Aristóteles, no fundo, queria dizer com “animal racional”. Não se pode esquecer de que, quando ele vai explicar o que é a razão, a razão não é só a capacidade de pensar, não é só a capacidade de fazer silogismos, mas é luz, é espírito. É um animal dotado de espírito, mas que não deixa de ser animal por causa disto. E que, portanto está preso a todo aquele mundo de reflexo condicionado, a repetição etc.

Aluno: Você poderia indicar algum autor, fotógrafo ou no cinema, que faz, na área da fotografia, uma análise análoga à compreensão da realidade?

Olavo: No cinema há muitos, na fotografia pode ser que tenha, mas não me ocorre no momento. Vou pensar e ver se descubro. No cinema, nunca pensei nos filmes sob esse aspecto; mas também com relação ao cinema vou pensar e depois respondo.

Aluno: Num país com a linguagem como está no Brasil, não lhe parece ser um grande desafio para quem quiser se dedicar à literatura de ficção?

Olavo: Em primeiro lugar, você vai ter que trabalhar com essa linguagem que existe: pegar esse tecido de chavões, lugares comuns, e trabalhar para descobrir o que há no fundo dele e como você pode transformar uma coisa na outra. Não adianta querer chegar numa linguagem mais elevada; você não vai conseguir. A gente tem sempre que trabalhar a língua que existe. Há que se pegar desde a fala mais vulgar possível e elevá-la, o quanto possível, e depois voltar. Não vejo outra maneira de se trabalhar; afinal de contas seus personagens vão ter que falar mais ou menos como as pessoas falam. A não ser que os personagens sejam totalmente inverossímeis. Mas, também, você não tem porque limitar seu padrão de verossimilhança à vulgaridade do meio: você poderá criar personagens que pareçam inverossímeis em certos meios, mas que não sejam inverossímeis em si mesmos. Por exemplo, um santo, um herói, um gênio não é verossímil pelos padrões vulgares, mas essa inverossimilhança é apenas uma aparência perante certo público. Tudo isso você pode trabalhar. Mas você reencontrar a rearticulação da linguagem por trás dessa articulação presente, essa é que é a função.

Em segundo lugar, seria documentar a verdade da experiência de ser brasileiro nesses últimos trinta ou quarenta anos que a literatura não documentou de maneira alguma. Nossa literatura parou em maio de 1968. Até hoje é só choradeira de comunista que foi perseguido, coitadinho, pela ditadura militar. É só nisso que se pensa. Parece que isso foi a última experiência brasileira. Nós termos que dar voz a toda essa população brasileira que tem vivido e tem sofrido e que não está entendendo nada do que acontece, mas que são pessoas que existem e, como tal, fazer serem personagens de ficção a qualquer momento. [1:20] Agora, tem que ler muito a literatura brasileira até os anos 60, porque ela estava num caminho muito bom. Acho que o próprio Marques Rebelo é uma leitura indispensável; o modo como ele pegou aquele linguajar carioca e trabalhou aquilo é uma coisa maravilhosa.

Aqui terminamos o curso “*Como tornar-se um leitor inteligente*”.

Transcrição: Eduardo Garcia de Queiroz.

Revisão: Éricson Rojahn